

O conceito de *ethos* do enunciador na obra *Em busca do sentido: estudos discursivos*, de J. L. Fiorin / *The Concept of the Ethos of the Enunciator in the Work Em Busca do Sentido: Estudos Discursivos [In Search of Meaning: Discursive Studies]* by J. L. Fiorin

João Batista Costa Gonçalves*

RESUMO

Objetiva-se, com este artigo, mostrar o conceito de *ethos* do enunciador, tal como discutido por Fiorin na obra *Em busca do sentido: estudos discursivos*, para, com isso, analisar como o autor, em diálogo com os estudos da Retórica e da Análise do Discurso sobre o *ethos*, cria um lugar teórico e analítico para este conceito no campo de estudos da Semiótica Discursiva.

PALAVRAS-CHAVE: Ethos; Enunciador; Enunciação; Semiótica discursiva

ABSTRACT

The purpose of this article is to show the concept of the ethos of the enunciator as approached by Fiorin's work Em busca do sentido: estudos discursivos [In Search of Meaning: Discursive Studies], in order to analyze how the author constructs a

* Universidade Estadual do Ceará - UECE – Fortaleza, Ceará, Brasil; jbcgon@ig.com.br

theoretical and analytical point of view in the field of Discursive Semiotics, taking into consideration Rhetoric and Discourse Analysis studies on ethos.

KEYWORDS: *Ethos; Enunciator; Enunciation; Discursive Semiotics*

O éthos é uma imagem do autor, não é o autor real;
é um autor discursivo, um autor implícito.

José Luiz Fiorin

Considerações primeiras

O presente texto¹ pretende tomar a obra *Em busca do sentido: estudos discursivos* (FIORIN, 2008a)², para analisar como a discussão sobre o *ethos* foi aí construída e, assim, mostrar a contribuição teórico-analítica que o autor traz para a discussão do tema nos estudos da linguagem.

Para este propósito, o artigo, a título de organização, secciona-se em quatro grandes partes. A primeira ocupa-se da contextualização da obra em destaque, a fim de situar o espaço que o autor nela reserva para a discussão da construção da imagem do enunciador no discurso.

Já a segunda parte centra-se mais detidamente na leitura do primeiro capítulo da terceira parte da obra, O éthos do enunciador³, na qual o autor dá maior destaque à discussão do conceito, para, dessa forma, podermos acompanhar o debate teórico-conceitual construído acerca do tema e avaliar como Fiorin, apoiado em duas perspectivas teóricas, a saber, a Retórica Clássica na linha do pensamento de Aristóteles e a Análise do Discurso segundo a orientação de D. Maingueneau⁴, procura mostrar

¹ Texto que serviu de base à palestra “*Em busca do sentido: a noção de ethos discursivo*”, por ocasião do III Colóquio Cearense de Semiótica: Uma homenagem a José Luiz Fiorin. Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará, 12/09/ 2014.

² A obra, como assevera o autor no Prefácio, é uma coletânea de artigos escritos e publicados em diferentes épocas da sua vida acadêmica.

³ Há, em língua portuguesa, certa variação ortográfica para a escrita da palavra grega *ethos* (ἔθος), podendo se encontrar *etos* (sem h), *ethos* (com h), *éthos* (com h e acento agudo). Fiorin adota esta última grafia (para o plural, usa *ethe*), de forma que, em todas as citações diretas da obra do autor, neste artigo, preservaremos essa grafia. Nos outros casos, usaremos a grafia *ethos* (com h e sem acento) por ser a mais recorrente em português em textos na área de linguística: Cf. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos* (AMOSSY, 2005); e *Ethos discursivo* (MOTTA e SALGADO, 2008).

⁴ Para uma discussão de como o conceito de *ethos* se constitui na interseção de vários campos de saber, indo da Retórica à Análise do Discurso, passando, nesse percurso, por outras disciplinas, como a Sociologia, a Antropologia e a Pragmática, ver Amossy (2005). No caso da proposta de Fiorin para o estudo do *ethos* do enunciador na perspectiva da Semiótica Discursiva, o autor tomará para a discussão as

como a Semiótica Discursiva⁵ pode assimilar, no seu quadro teórico, o conceito operatório de *ethos* para estudar diferentes tipos de textos⁶.

A terceira parte do artigo destaca como Fiorin, por meio da análise de diversos exemplos de textos extraídos, em grande parte, da literatura brasileira, mostra que a categoria *ethos*, tal como pensada por Aristóteles, na Retórica Clássica⁷, e por Maingueneau, na Análise do Discurso francesa, pode, depois de alguns ajustes teóricos, ser operacional para a Semiótica Discursiva.

A última parte, num gesto de síntese, preocupa-se em destacar a contribuição teórica e analítica que a discussão de Fiorin traz para o debate sobre *ethos* nos estudos da linguagem e, em especial, por mostrar como o autor torna pertinente esse o conceito de *ethos* do enunciador para os estudos em semiótica greimasiana.

1 Em busca do conceito de *ethos* do enunciador

Antes de apresentar o livro como um todo, há de se destacar o título que dá nome à obra em análise: *Em busca do sentido: estudos discursivos*. Esse título revela a preocupação do autor, bem como de todo aquele que se interessa pelos estudos do discurso: buscar analisar como se dá o funcionamento do sentido nos textos ou como o sentido é construído na materialidade dos textos. E é este o objetivo de Fiorin ao longo de toda a sua obra, dividida em três partes.

A primeira parte, intitulada Demarcação de campos, apresenta textos que mostram a preocupação do autor por explorar as teorias ligadas à semiótica francesa “até o limite de suas possibilidades” (FIORIN, 2008a, p.9). Para a segunda, Tratamento discursivo de questões de linguagem, Fiorin seleciona textos que buscam estudar, sob a ótica da Semiótica Discursiva, figuras de palavras, como metáfora e metonímia, o estilo

duas pontas que formam esse trajeto conceitual: de um lado, a que nasce com a concepção de *ethos* retórico discutido por Aristóteles; de outro, a concepção de *ethos* discursivo proposto por Maingueneau, que, a partir de Aristóteles, o insere no quadro da Análise do Discurso francesa.

⁵ No artigo, são tomadas como expressões equivalentes Semiótica Discursiva, semiótica francesa e semiótica greimasiana.

⁶ Fiorin, embora tenha uma predileção por analisar textos literários, tem consciência de que o *ethos* do enunciador é operacional na análise de outros tipos de textos, a exemplo dos jornalísticos, como mostra, à p.143, recuperando a análise que fez Discini (2003) do caráter do enunciador dos jornais *Folha de S.Paulo*, *Estado de S.Paulo* e *Notícias Populares*.

⁷ Para um estudo da contribuição da tradição retórica para o tema do *ethos*, vale conferir o estudo de Cruz (2009), especificamente o primeiro capítulo da obra: Um pouco de Retórica.

e as modalidades. Preocupado com questões da ordem da enunciação, o autor elegeu, na última parte, a que chamou de Semântica das categorias da enunciação, textos que estudam os investimentos semânticos que se fazem nas categorias da enunciação de pessoa e de espaço.

Percebemos que, em relação à categoria que nos propomos analisar na obra, o conceito de *ethos* está presente, com maior ou menor força, nas três partes que a compõem. Por exemplo, no término do primeiro capítulo da Parte I, Enunciação e semiótica, já há uma referência, embora breve e indireta, ao *ethos*, quando Fiorin, na sessão das Conclusões, afirma que “a questão da imagem do enunciador pressuposto criado pelo texto” (2008a, p.34) constituiria um tema relevante para o estudo da enunciação desenvolvido pela Semiótica.

No capítulo Uma concepção discursiva de estilo, que figura como o segundo capítulo da segunda parte da obra, o debate sobre o conceito de *ethos* do enunciador ganha mais alento. Na discussão, Fiorin postula, baseado nas ideias bakhtinianas, uma concepção discursiva de estilo, para a qual é preciso considerar que “[...] um estilo mostra um *éthos* em contradição com outro, o que permite afirmar, com Bakhtin (1999:16), que o estilo são dois homens”. (FIORIN, 2008a, p.104). Noutro momento, Fiorin (2004) propõe uma concepção de estilo no quadro teórico da Semiótica Discursiva a partir de cinco proposições:

a) estilo é recorrência; b) é um fato diferencial; c) produz um efeito de sentido de individualidade; d) configura um *éthos* do enunciador, ou seja, uma imagem dele; e) é heterogêneo, seja no modo de sua constituição (heterogeneidade constitutiva), seja na superfície textual (heterogeneidade marcada) (p.109).

Esse conceito de estilo concebido de maneira dialógica é exemplificado pelo autor (2008a) no poema *Satélite*, de Manuel Bandeira, em que, numa relação polêmica entre estilos, o enunciador do poema, por meio de muitas marcas linguísticas, como, por exemplo, o uso reiterado do prefixo *des* (desmetaforizada, desmistificada, despojada), cria “um *éthos* estilístico modernista (o direito) e um anterior ao modernista (o avesso)” (FIORIN, 2008a, p.106). Ainda nesse capítulo, na sua parte conclusiva, Fiorin chama-nos a atenção para o fato de que o conceito de estilo, entre outras coisas, “configura um *éthos* do enunciador, ou seja, uma imagem dele” (2008a, p.109), e acrescenta, ancorado

nas ideias de Discini (2003) para a compreensão de estilo numa perspectiva semiótica, que “o estilo cria um *éthos* do enunciador” (FIORIN, 2008a, p.109). A propósito, Discini, em sua tese de doutorado *Estilo e semiótica* (orientada por Fiorin e defendida na Universidade de São Paulo em 2001), que foi publicada posteriormente em livro sob o título *O estilo nos textos* (2003), articula o conceito de *ethos* com o de estilo na perspectiva da Semiótica Discursiva. Para a autora, o estilo designa “um conjunto de características da expressão e do conteúdo que criam um *ethos*” (DISCINI, 2003, p.7). Sob esse prisma, pelo estilo, podem ser descritos traços recorrentes, apreensíveis na totalidade do texto, que marcam a individualidade do enunciador e apontam para a imagem desse sujeito, recuperada pelos efeitos de sentido provocados por esses traços. É, desse modo, pelos investimentos estilísticos do enunciador, que o *ethos* do sujeito se mostra. Assim como o *ethos*, o estilo é, portanto, modo de dizer, pelo qual se inauguram identidades, criando-se efeitos de individualidade.

Fiorin (2008a) chega ao final do capítulo retomando, brevemente, as ideias sobre o *ethos* tanto de Aristóteles, na Retórica, como de Dominique Maingueneau, na Análise do Discurso, a fim de mostrar como este conceito guarda afinidades com a noção de estilo, e, dessa forma, procura ressaltar que essa noção pode ser “plenamente integrada às teorias do discurso” e ganhar nelas um “significativo estatuto operacional” (FIORIN, 2008a, p.110).

Mas é só na última parte da obra que, recuperando a discussão das propostas teóricas feita anteriormente, Fiorin reserva maior destaque à discussão do *ethos*⁸, dedicando, para isso, todo um capítulo, a que ele chama de *Éthos* do enunciador⁹. A próxima seção do artigo ocupar-se-á de avaliar esta discussão.

⁸ No segundo capítulo da terceira parte do livro, *O pathos* do enunciatário, a discussão sobre o *ethos* do enunciador retorna, só que, dessa feita, o autor dá destaque, baseado na tradição dos estudos da Retórica Clássica de Aristóteles, Cícero e Quintiliano, conjugada à teoria da semiótica francesa de extração greimasiana, à imagem do outro ator da enunciação, o enunciatário, imagem que é construída pelo enunciador, através de marcas que o enunciatário deixa na enunciação. Podemos entender o *pathos*, segundo Fiorin (2008a), como o estado de espírito do auditório, que se associa às paixões do ouvinte.

⁹ Este capítulo, na verdade, foi originalmente publicado em forma de artigo em: CORTINA, A. & MARCHEZAN, R. C. (org.). *Razões e sensibilidades: a semiótica em foco*. Araraquara: Cultura Acadêmica Editora, 2004, p.117-138, conforme Fiorin indica nas primeiras páginas de *Em busca do sentido*.

2 A construção do debate acerca do conceito *ethos* discursivo: o *ethos* do enunciador

A tradição retórica legou-nos um vasto material sobre a arte de argumentar. Desses estudos, destaca-se a *Arte retórica* (s/d), de Aristóteles, que defendeu a ideia de que a (boa) imagem¹⁰ que o orador dá de si ao seu auditório constitui-se uma das provas mais convincentes para revelar o seu caráter e, assim, gerar credibilidade e conseguir adesão do seu público. A essa imagem do orador construída à medida que desenvolve seu discurso, o Estagirita chamou de *ethos*.

Fiorin (2008a) recupera essa contribuição da Retórica Clássica para a discussão sobre o *ethos* atualizando-a sob as bases da semiótica francesa. Para isto, convoca inicialmente os ensinamentos de Aristóteles na *Arte retórica*. O pensador grego defende que

É o *éthos* (caráter) que leva à persuasão, quando o discurso é organizado de tal maneira que o orador inspira confiança. Confiamos sem dificuldade e mais prontamente nos homens de bem, em todas as questões, mas confiamos neles, de maneira absoluta, nas questões confusas ou que se prestam a equívocos. No entanto, é preciso que essa confiança seja resultado da força do discurso e não de uma prevenção favorável a respeito do orador (I, 1356a *apud* FIORIN, 2008a, p.139)¹¹.

A partir do excerto acima, Fiorin mostra-nos então que, assim como entendido o sujeito da enunciação pelos estudos da semiótica de base greimasiana, a compreensão do *ethos* pela retórica é também efeito de sentido da construção de um simulacro de imagem do enunciador.

Dessa forma, para a semiótica greimasiana, embora se possa considerar que exista um sujeito real, não se tem acesso a ele, uma vez que não se pode entrar no seu interior, no seu psiquismo, para saber quem é ele e qual a sua identidade. À semiótica

¹⁰ Fiorin (2008a) retoma outra passagem da Retórica de Aristóteles para mostrar que a boa imagem do orador, digna de inspirar confiança no seu auditório e levá-lo à convicção das teses apresentadas, é a imagem da prudência e do bom senso (*phrónesis*), da virtude (*areté*) e da benevolência (*eúnoia*).

¹¹ Em razão deste artigo tratar da obra de Fiorin, preferimos manter a citação da *Arte Retórica* feita por ele, pois é a leitura apresentada por ele que desejamos destacar. Por esse mesmo motivo, adotaremos, na sequência do texto, igual procedimento para a citação direta que faz Fiorin da obra de D. Maingueneau.

francesa, portanto, não interessa esse sujeito real. O que lhe interessa é, na verdade, o sujeito criado como efeito do discurso.

Assim, tanto na perspectiva retórica, como na perspectiva semiótica assumida por Fiorin, o *ethos* é uma imagem construída pelo sujeito da linguagem como efeito do discurso, e não como construção fora dele.

Para fazermos uso das categorias empregadas por Maingueneau (2008), podemos dizer que Fiorin, assim como Aristóteles, só acredita no *ethos* mostrado, e não no *ethos* dito, de forma que, para as duas propostas, o *ethos* não está no enunciado, mas se mostra na enunciação.

É preciso, entretanto, ter a cautela de saber que, na perspectiva da semiótica greimasiana, tudo o que está registrado no enunciado, quer na ordem do enunciado enunciado, quer na ordem da enunciação enunciada, coopera para a constituição da imagem do sujeito da enunciação, seja do *ethos* do enunciador, seja do *pathos* do enunciatário.

Por outro lado, diferentemente de como pensava a retórica aristotélica¹², Fiorin leva-nos a concluir que a imagem dos sujeitos construída no discurso não está restrita ao âmbito de textos marcadamente argumentativos e persuasivos, mas pode se estender a outros tipos de textos, como os literários, por exemplo, conforme o autor mostra na análise que faz de obras da literatura brasileira.

É preciso assinalar, a esse respeito, que Maingueneau (1997) já havia feito também algumas ressalvas à proposta aristotélica para o estudo do *ethos*, mostrando que dois deslocamentos seriam necessários em relação ao *ethos* retórico para que esta categoria fosse admitida no quadro teórico da Análise do Discurso: 1) não reduzir o *ethos* ao discurso oral, já que, para o autor, todo texto é dotado de uma vocalidade e de uma corporalidade; 2) tirar todo o peso de um sujeito livre para fazer escolhas intencionais a partir da adesão que o orador queira conseguir do seu auditório, pois, segundo Maingueneau, os efeitos de sentido gerados pelo *ethos* adviriam, não diretamente do sujeito da enunciação, mas pela formação discursiva em que está situado.

¹² Sabemos que outras leituras críticas há sobre a proposta de *ethos* na visão aristotélica, como a de Eggs (2005) e a do próprio Maingueneau (1997), no âmbito dos estudos linguísticos; e a de Vergnières (2003), no âmbito dos estudos filosóficos. Entretanto, para os objetivos deste artigo, restringimo-nos a apresentar apenas a leitura que Fiorin faz do *ethos* aristotélico incorporando-o Semiótica Discursiva.

A outra referência teórica da qual Fiorin se apropria para discutir o conceito de *ethos* é exatamente a proposta por Maingueneau:

O *ethos* compreende três componentes: o caráter, que é o conjunto de características psíquicas reveladas pelo enunciador (é o que chamaríamos de *ethos* propriamente dito), o corpo, ou seja, as características físicas que o enunciador apresenta; o tom, a dimensão vocal do enunciador desvelada pelo discurso (1995:137-140 *apud* FIORIN, 2008a, p.141).

Assim, pautado nas ideias de Maingueneau¹³, Fiorin parece querer mostrar que o enunciatário, ao aderir ao discurso do enunciador, o faz porque se identifica com a imagem do sujeito da enunciação, o qual se apresenta com um caráter, com um corpo e com um tom.

Essa imagem do enunciador com que o enunciatário – para usarmos o termo da semiótica greimasiana - se identifica se dá, na proposta de Maingueneau (2001), pelo que o autor chamou de “incorporação discursiva”, através da qual aparece a figura do fiador (*le garant*), entendido como o enunciador que emerge da instância subjetiva do discurso para conseguir a adesão do coenunciador a um determinado universo de sentido.

Sobre o aspecto do tom na caracterização dos *ethos* discursivo, é preciso ressaltar que Maingueneau (2005), sob a influência de Bakhtin (2003), relaciona esse modo de enunciação ao que o pensador russo chamou de tom:

[...] Papel excepcional do tom. [...] O aspecto menos estudado da vida do discurso. Não é o mundo dos tropos, porém o mundo dos tons e matizes pessoais, mas não em relação aos objetos (fenômenos, conceitos), e sim ao mundo das personalidades dos outros. O tom não é determinado pelo conteúdo concreto do enunciado ou pelas vivências do falante, mas pela relação do falante com a pessoa do interlocutor (com sua categoria, importância, etc.) (BAKHTIN, 2003, p.391).

¹³ O conceito de *ethos* no pensamento do teórico francês começa a se desenhar na década de oitenta, quando da publicação de *Genèses du discours/ Gênese dos discursos* (1984/2005). Nessa obra, embora a concepção de *ethos* já esteja, em certa medida, delineada, o termo não aparece de forma explícita, o que só vai acontecer na obra *Novas tendências em análise do discurso* (1997 [1987]). Na primeira dessas obras, Maingueneau (1984/2005) trata o *ethos* dentro de uma “semântica global” do discurso, utilizando, para se referir ao conceito, expressões do tipo “modo de enunciação”, “modo de dizer”, “maneira de dizer” ou “maneira de enunciar”. Sobre a evolução do conceito de *ethos* na obra de Maingueneau, cf. Amossy (2005), para uma discussão mais breve, e Gonçalves (2006), para um tratamento mais detalhado.

Para Maingueneau, pois, a dimensão do *ethos* se liga à “voz” e à “oralidade”. Assim, dessa relação conceitual, o *ethos* discursivo se manifesta pela entonação expressiva (como tom amistoso, zombeteiro, demagógico, autoritário) que o enunciador dá ao enunciado quando na interação com o (co)enunciador.

Fiorin, como vimos, retoma essas duas matrizes teóricas, para daí propor um conceito operatório de *ethos* para a semiótica francesa. Passemos agora ao exame dessa proposta.

Em primeiro lugar, é preciso dizer que o nome dado ao capítulo, *Éthos* do enunciador, não é fortuito. Ele marca a posição do autor que, como estudioso da semiótica francesa, procura estabelecer uma noção de *ethos* compatível com os conceitos e as categorias que compõem todo o projeto epistemológico dessa teoria.

Ao defender, portanto, a ideia de que analisar o *ethos* do enunciador é o mesmo que analisar o *ethos* do ator da/na enunciação, Fiorin está propondo uma concepção do conceito definida pelos termos da teoria da semiótica greimasiana. Dessa forma, entender a definição de *ethos* do enunciador como o *ethos* do ator da/na enunciação exige esclarecimentos de como são compreendidos, sob a perspectiva semiótica, três conceitos capitais utilizados nesta definição: enunciação, ator e enunciador.

Para Fiorin, por enunciação, compreende-se, em termos benvenisteanos, a instância do *ego hic et nunc*, instância que “povoia o enunciado e pessoas, de tempos e de espaços” (FIORIN, 2008a, p.137). Dessa forma, segundo ele, a enunciação, vista sob a perspectiva semiótica, é a instância linguística pressuposta pela existência de um enunciado e de um enunciador.

O ator, por sua vez, é entendido como uma concretização temático-figurativa do actante da enunciação. Para deixar isto mais claro, tomemos as próprias palavras de Fiorin (2008a):

Quando falamos em eu e tu, falamos em actantes da enunciação, ou seja, em posições dentro da cena enunciativa, aquele que fala e aquele para quem se fala. No entanto, nos diferentes textos, essas posições são concretizadas e esses actantes tornam-se atores da enunciação (p.138-139).

Atrelando essa discussão ao conceito de *ethos*, o autor esclarece que, “quando se fala em *ethos* do enunciador, estamos falando em ator e não em actante da enunciação”

(FIORIN, 2008a, p.141). Para o estabelecimento do conceito de ator da enunciação, Fiorin apoia-se no pensamento de Greimas, para quem o ator da enunciação se define pela totalidade dos seus discursos e de sua obra. Assim, quando se analisa a obra inteira de um autor, como a de Machado de Assis, por exemplo, podem-se depreender as marcas do *ethos* do enunciador a partir de uma totalidade presente na materialidade discursiva de sua obra. Diante disso, Fiorin (2008a) se indaga onde poderíamos encontrar, na materialidade discursiva da totalidade, as marcas do *ethos* do enunciador, ao que ele mesmo responde:

Dentro desse todo, procuram-se recorrências em qualquer elemento composicional do discurso ou do texto: na escolha do assunto, na construção das personagens, nos gêneros escolhidos, no nível de linguagem usado, no ritmo, na figurativização, na escolha dos temas, nas isotopias, etc. (p.143).

Já a figura do enunciador é entendida como a imagem do autor construído pelo texto, e não como um autor real, de carne e osso. Assim, a figura do enunciador está implícita no texto, sendo construída discursivamente pelo seu autor.

Ao colocar-se contra a ontologização do enunciador, Fiorin (2008a) relaciona essa instância enunciativa ao *ethos* do enunciador, afirmando que:

O *éthos* do enunciador nada tem de psicologismo que muitas vezes pretende infiltrar-se nos estudos discursivos. Trata-se de apreender um sujeito construído pelo discurso e não uma subjetividade que seria a fonte de onde emanaria um enunciado, de um psiquismo responsável pelo discurso. O *éthos* é uma imagem do autor, não é o autor real; é um autor discursivo, um autor implícito (p.139).

Desse excerto, podemos inicialmente dizer que, ao defender este posicionamento teórico, Fiorin está, na verdade, se inscrevendo, para usarmos termos bakhtinianos, numa tradição teórica não subjetivista e não idealista da linguagem que vem desde Aristóteles, em que o *ethos* é tomado como produto do discurso, e chega com muita força à esfera dos estudos linguísticos com o pensamento do Círculo de Bakhtin (cf. BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2009). Essa tese não subjetivista da linguagem é, por sua vez, retomada depois por teóricos pós-estruturalistas, como Foucault (2008), Derrida (1995) e Pêcheux (1997). Ao mesmo tempo, Fiorin, com esta postura teórica no tratamento do estudo do *ethos*, inscreve também a semiótica greimasiana nessa tradição,

o que pode ser considerado um mérito do autor, sobretudo porque a Semiótica Discursiva é frequentemente acusada de ser uma teoria imanentista da linguagem ainda muito apegada a alguns princípios estruturalistas.

Em segundo lugar, podemos afirmar, também a partir da citação acima, que o autor procura estabelecer, auxiliado pela terminologia greimasiana, a distinção entre a instância do enunciador e outras instâncias enunciativas num texto, como a do interlocutor e a do narrador, para, a partir daí, diferenciar o *ethos* de cada um destes sujeitos da enunciação.

Conforme Fiorin, para fins analíticos, não haveria dificuldade para se depreender o *ethos* do interlocutor, pois este seria a imagem de uma personagem construída na obra por todas as suas características físicas e psicológicas.

O problema surgiria se quiséssemos diferenciar o *ethos* do enunciador do do narrador. O autor propõe resolver esta distinção apelando mais uma vez para as ideias de Greimas, segundo o qual o enunciador deve ser visto como o ator da enunciação definido pela totalidade dos seus discursos¹⁴. Assim, é só através do exame de toda uma obra, ou do *totus*, como postula Discini (2003) apoiada em Brondal, que podemos chegar ao *ethos* do enunciador, reconhecendo semelhanças ou diferenças entre ele e o narrador de uma das obras do conjunto examinado. Baseado nestas ideias, Fiorin (2008a) propõe então que:

Quando analisamos uma obra singular, podemos definir os traços do narrador, quando estudamos a obra inteira de um autor é que podemos apreender o *éthos do* enunciador. Podemos, ao final da análise encontrar uma identidade ou diferença entre o caráter do enunciador e o do narrador numa obra singular. Em *Tom Jones*, o narrador é ingênuo, enquanto o autor é irônico (FIORIN, 2008a, p.141).

Todo o poder de aplicação que a noção de *ethos* ganha com o investimento da semiótica francesa que Fiorin dá à categoria será visto na análise que o autor faz de algumas obras do acervo da literatura¹⁵, sobretudo a brasileira.

¹⁴ Fiorin está se referindo à seguinte passagem: “Do ponto de vista da produção do discurso, poder-se-á distinguir o actante da enunciação, que é um actante logicamente implícito, logicamente pressuposto pelo enunciado, do ator da enunciação: neste último caso, o ator será, por exemplo, Baudelaire, na medida em que define pela totalidade de seus discursos”. (GREIMAS E COURTÉS *apud* FIORIN, 2008a, p.141).

¹⁵ Em A multiplicação dos *ethe*: a questão da heteronímia, capítulo de *Ethos discursivo* (MOTTA e SALGADO, 2008), Fiorin (2008b) toma a poesia do poeta português Fernando Pessoa e dos seus

3 O exemplário do *ethos* do enunciador: a construção da imagem do autor na materialidade discursiva da enunciação literária

De posse da noção de *ethos* do enunciador construída com base nos preceitos teóricos da semiótica greimasiana, Fiorin explora o potencial heurístico da categoria para analisar textos da literatura e, com isso, mostrar basicamente quatro questões teórico-analíticas relevantes.

Na ordem em que essas questões aparecem, a primeira é que, ao final da análise de uma obra literária, é possível encontrar semelhanças ou dessemelhanças entre o *ethos* do enunciador/autor, que se depreende pela totalidade de sua obra, e o *ethos* do narrador, construído a partir de uma obra singular. Para ilustrar esta tese, Fiorin mostra que, em *Tom Jones*, por exemplo, o *ethos* do narrador e o do enunciador/autor são divergentes: o narrador tem a imagem de um sujeito ingênuo, enquanto o autor apresenta-se com um caráter irônico. Por outro lado, na obra *O missionário*, de Inglês de Souza, os *ethé* do narrador e do enunciador se assemelham; ambos se apresentam com um caráter duro e uma imagem moralista.

A segunda questão, extensão da acima citada, é que, para a análise do *ethos* do enunciador, cabe conhecer a imagem do autor da obra literária construída a partir da totalidade de sua obra, e não a partir de informações biográficas acerca desse autor. Assim, não interessa, para um estudo em Semiótica Discursiva, saber, por exemplo, se o Machado de Assis de carne osso era um homem cético e irônico, mas importa estudar, por meio de vários índices textuais e linguísticos recorrentes na enunciação, como esta imagem pode ser construída discursivamente no conjunto na obra do autor, o que Fiorin mostra pela análise do *ethos* das personagens de alguns romances machadianos¹⁶. Assim, frente às essas duas primeiras questões, pode-se afirmar que os traços que permitem ao leitor/analista a construção da imagem de uma determinada personagem, com sua corporalidade, seu caráter e seu tom, pode, ao mesmo tempo, ajudar a este mesmo

heterônimos para explorar analiticamente as várias imagens do autor português a partir do conceito de *ethos* do enunciador e, dessa forma, mostrar que a heteronímia pode ser entendida “como a criação de diferentes *ethe* para situar-se simultaneamente em posições diferentes, e mesmo antagônicas, de um dado campo discursivo” (FIORIN, 2008b, p.68).

¹⁶ Para uma análise exaustiva do *ethos* nos romances de Machado de Assis a partir, inclusive, da teoria da semiótica greimasiana, deve-se consultar Cruz (2009).

leitor/analista a construir o *ethos* do narrador e do autor/enunciador revelado no conjunto da sua obra.

A terceira questão proposta por Fiorin, talvez a mais contundente para a tradição dos estudos literários em função do seu ineditismo e pelo tom categórico com que é expressa, é aquela que afirma: “todas as modificações na literatura são acompanhadas por uma modificação do *éthos*” (FIORIN, 2008a, p.147). Como exemplo dessa tese, o autor cita o caso da poesia brasileira vinculada à estética romântica.

Assim, segundo Fiorin, na passagem da segunda para a terceira geração romântica, houve uma mudança significativa do *ethos* do enunciador. O *ethos* da segunda geração, construído pela recorrência, no léxico, de palavras que apontam para “a reiteração do invernial, do noturno, do macilento, do pálido, do desbotado, etc.” (FIORIN, 2008a, p.147), se mostra com um corpo jovem, marcado pela magreza e palidez, apresentando um caráter que oscila entre a melancolia e a paixão, expresso numa enunciação que varia também entre um tom entediado e um tom apaixonado¹⁷. Como representante deste tipo de *ethos* está, segundo Fiorin, a poesia de Álvares de Azevedo.

Por sua vez, o *ethos* da terceira geração romântica, representada pelos poetas condoreiros, como Castro Alves, mostra-se por um corpo vigoroso, lutador e ativo do enunciador, o que é percebido, nesse tipo de poesia, pela recorrência de símiles que apontam para elementos grandiosos da natureza, como o oceano, os astros, o tufão e as procelas.

Dessa análise, Fiorin também extrai a quarta e última questão, a saber, a de que o caráter de um enunciador é produzido sempre em oposição a outro, tese que o autor traduz com a afirmação de que “o *éthos* estabelece-se no interdiscurso” (FIORIN, 2008a, p.150).

¹⁷ Fiorin, nesta análise, imita o gesto analítico de Maingueneau (1983), em *Sémantique de la polémique*, em que o teórico francês estuda o discurso cristão de duas tendências religiosas do século XVI: o jansenismo e o humanismo devoto. O discurso do humanismo devoto, de base católica, tenta se organizar rivalizando com o discurso jansenista, de tendência protestante. Para essa base de oposição discursiva, estuda o que chama de “semântica do corpo devoto” (em oposição à corporalidade instituída pelo discurso jansenista), em que as vestimentas e toda a forma de se mover no espaço social criado pelo discurso cooperam para dar sentido ao conjunto de doutrina defendida por eles. Ao analisar o caráter e a representação do corpo dos sujeitos destes dois movimentos religiosos rivais, Maingueneau mostra que, de um lado, está o jeito doce de o discurso humanista devoto se mostrar, em contraposição ao modo rude e sério da imagem mostrada pelo jansenismo, análise que Maingueneau faz apelando, dentre outros recursos, para um estudo lexicográfico de certos termos, como *doce* e *doçura*.

No texto que ora analisamos, mesmo relacionando a noção de *ethos* à de interdiscurso (“o *éthos* estabelece-se no interdiscurso” (FIORIN, 2008a, p.150), Fiorin não discute o conceito de interdiscurso/interdiscursividade; todavia essa discussão está presente, de maneira mais pontual, em Fiorin (2006), texto em que o autor toma as noções de interdiscursividade e de intertextualidade para debatê-las no conjunto da obra bakhtiniana. Da discussão feita, Fiorin (2006) propõe que, se a teoria bakhtiniana faz a distinção entre texto e enunciado - este conceitualmente próximo do que se compreende por interdiscurso, já que se constitui nas relações dialógicas, enquanto aquele concebido como a manifestação desse enunciado - então há a possibilidade de se estabelecer, conseqüentemente, uma diferença entre interdiscursividade e intertextualidade da seguinte maneira: “aquela é qualquer relação dialógica entre enunciados; esta é um tipo particular de interdiscursividade, aquela em que se encontram num texto duas materialidades textuais distintas” (p.191).

Avaliação da contribuição de J. L. Fiorin para a noção de *ethos* do enunciador

Ao final do artigo, estamos em condições de fazer uma síntese da proposta de Fiorin apresentada ao longo do artigo e, ao mesmo tempo, melhor avaliar a contribuição que o autor pode trazer para um tema tão caro àqueles que se interessam por estudar a produção dos sentidos nos textos: a construção da imagem dos sujeitos do discurso, a que a tradição retórica chamou de *ethos*.

Da proposta retórica de Aristóteles para o estudo do *ethos* do orador, Fiorin assimila a ideia de que o *ethos* deve ser estudado como a imagem do sujeito construída no discurso e não fora dele. Amplia, entretanto, a concepção retórica de duas maneiras: 1) mostrando que, de um lado, o *ethos* do narrador pode ser definido por um único discurso, e, de outro lado, o do enunciador, por um conjunto, uma totalidade de discursos; e 2) estendendo a análise do *ethos* a textos que fogem à esfera estrita da argumentação, como os textos literários. Da análise que faz desse tipo de textos, Fiorin mostra quão fecundo é considerar o *ethos* do enunciador com base na Semiótica Discursiva, ao mesmo tempo em que tira dessa análise questões originais e pertinentes que contribuem enormemente para o tratamento que o estudioso da literatura pode vir a dar aos textos literários.

Da proposta discursiva de Maingueneau, Fiorin capta a ideia de que, para analisar a imagem dos sujeitos no discurso, deve-se levar em conta a dimensão do tom, do caráter e da corporalidade que o enunciatário precisa incorporar para legitimar, numa espécie de contrato fiduciário, a imagem do seu outro, o enunciador. Assim como Maingueneau, Fiorin também parece mostrar que o discurso não é apenas um conteúdo, mas também um modo de dizer, que constrói os sujeitos da enunciação. Com efeito, o discurso, ao construir um enunciador, constrói também seu correlato, o enunciatário. Além disso, da mesma forma que Maingueneau, Fiorin acredita que o *ethos* deixa marcas linguísticas e textuais na materialidade discursiva pelas quais ascendemos à imagem do enunciador através da recorrência com que essas “pistas” aparecem no texto. Elas autorizam o enunciatário a construir uma imagem do enunciador, que não é, como Fiorin reforça, o sujeito real, de carne e osso, mas sim o seu representante construído na enunciação. Entretanto, diferentemente de Maingueneau, Fiorin só aceita a possibilidade da construção do *ethos* na instância da enunciação (*ethos* discursivo), e não fora dela (*ethos* prévio/pré-discursivo).

Sem afrontar os postulados da teoria da semiótica francesa, Fiorin, como se vê, ao recuperar o conceito de *ethos* discutido pela Retórica e pela Análise do Discurso francesa, através do alinhamento teórico que faz desse diálogo, cria um espaço teórico particular para o estudo do *ethos* compatível com a perspectiva da Semiótica Discursiva. Deixa, assim, uma contribuição para a teoria greimasiana, que pode incorporar a noção de *ethos* do enunciador ao seu projeto teórico sobre os estudos da subjetividade/identidade e, dessa forma, ser robustecida, fazendo a teoria enxergar, por outros elementos que a ela não estavam incorporados, como se dá a construção da imagem dos atores da enunciação no percurso gerativo de sentido.

Quem coopera para o fortalecimento desse lugar teórico/analítico que o *ethos* pode dar ao campo de estudos da Semiótica de inspiração greimasiana é, além de Fiorin (2004; 2008a; 2008b), Discini (2009) e Cruz (2009), o que pode ser também uma contribuição original dos estudos em Semiótica Discursiva realizados no Brasil para os postulados de Greimas (bem como para os vários estudos que há, de diferentes perspectivas, sobre o *ethos*). Em vista disso, em próximo estudo que tentar traçar as várias abordagens desta categoria nos estudos da linguagem, aos moldes de Amossy

(2005), a perspectiva da Semiótica Discursiva em relação aos estudos do *ethos*, tal como abordada por esses autores brasileiros, pode ser inserida.

Além disso, como corolário, a proposta de Fiorin, ao final, permite-nos concluir que o modelo teórico e analítico da Semiótica Discursiva, mesmo com toda a sua modelização formal, não parece ser uma camisa de força que não possa se abrir às questões vindas de outras matrizes teóricas, as quais, a princípio, poderiam soar completamente divergentes e irreconciliáveis com os pressupostos da semiótica francesa.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, R. Introdução: da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: _____ (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Trad. Dilson F. da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005, p.9-28.

ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Edições Ediouro; Tecnoprint S. A., s/d. [Coleção Clássicos de Ouro].

BAKHTIN, M. Apontamentos de 1970-1971. In: *Estética da criação verbal*. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.367- 392.

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V. N.). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. M. Lahud e Y. F. Vieira. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

CRUZ, D. F. *O ethos dos romances de Machado de Assis*. São Paulo: Edusp, 2009.

DERRIDA, J. *A escritura e a diferença*. Trad. Maria B. da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1995.

DISCINI, N. *O estilo nos textos: história em quadrinhos, mídia e literatura*. São Paulo: Contexto, 2003.

EGGS, E. *Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna*. In: AMOSSY, R. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Trad. Dilson F. da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005. p.29-56.

FIORIN, J. L. Dialogismo e estilo. In: BASTOS, N. B. (Org.). *Língua portuguesa em calidoscópio*. São Paulo: Educ, 2004, p.115-132.

_____. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006, p.161-193.

_____. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008a.

_____. A multiplicação dos *ethe*: a questão da heteronímia. In: MOTTA, A. R. SALGADO (Org.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008b, p.55-69.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

MAINGUENEAU, D. *Sémantique de la polémique: discours religieux et ruptures idéologiques au xvii siècle*. Suisse: L'Age d'homme, 1983.

- _____. *Genèses du discours*. Liège: Pierre Mardaga Editeur, 1884.
- _____. *Gênese dos discursos*. Trad. S. Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- _____. *Novas tendências em Análise de Discurso*. Trad. Freda Indurski. São Paulo: Pontes, 1997.
- _____. *O contexto da obra literária*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. A propósito do *ethos*. Trad. Luciana Salgado. In: MOTTA, A. R. SALGADO (org.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008, p.11-29.
- MOTTA, A. R. SALGADO (org.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. de Eni P. Orlandi et al. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- VERGNIÈRES, S. *Ética e política em Aristóteles (phisis, ethos, nomos)*. São Paulo: Paulus, 2003.

Recebido em 02/03/2015

Aprovado em 14/09/2015